

Uriel Heckert¹
Rogério R. Zimpel²

¹ Médico psiquiatra. Especialização/Residência pelo IPUB (UFRJ). Mestre em Filosofia pela UFJF. Doutor em Psiquiatria pela USP. Prof. de Psiquiatria e de Antropologia Médica da Faculdade de Medicina da UFJF (Aposentado).

² Médico psiquiatra. Especialização/Residência em Psiquiatria pelo HCPA (UFRGS). Mestre e Doutor em Psiquiatria e Ciências do Comportamento (UFRGS).

✉ **Uriel Heckert**
Rua Rei Alberto, 103/1000
CEP 36016-300
✉ urielheck@gmail.com

RESUMO

As relações entre espiritualidade/religiosidade e Psiquiatria no Brasil passaram por momentos distintos. Os relatos estão fragmentados e distribuídos em diversas fontes. Em uma revisão narrativa esse artigo tem por objetivo oferecer uma visão geral dos protagonistas e principais fatos de cada etapa, desde o século XIX até os dias atuais. A nomeação de Juliano Moreira, em 1903, para a direção do Hospital Nacional dos Alienados (Rio de Janeiro/RJ) é o marco inicial da Psiquiatria científica brasileira. O pano de fundo é a visão Positivista do mundo e do ser humano, com a expectativa de que a ciência suplantaria todas as crenças religiosas e metafísicas. Foi preciso que o vigor da Modernidade esmaecesse para que outro entendimento aflorasse. Nas últimas décadas do século XX psiquiatras receptivos ao tema das crenças conseguiram abrir espaços em associações profissionais para debater sobre espiritualidade e somente a partir da década de 1990 as pesquisas nacionais em Psiquiatria começaram a incluir a espiritualidade. Desde então, o conjunto de evidências cresceu célere, mas consistentemente. Em nível mundial – e em menos de três décadas - o Brasil já está entre os cinco países com maior número de publicações sobre espiritualidade/religiosidade e saúde mental, com potencial para permanecer em posição de destaque, pois possui população com grande religiosidade, ao mesmo tempo em que surge uma nova geração de pesquisadores engajados no tema.

Palavras-chave: espiritualidade/religiosidade, psiquiatria brasileira, relações, histórico

ABSTRACT

The relations between spirituality / religiosity and psychiatry in Brazil went through different moments. Reports are fragmented and distributed across multiple sources. In a narrative review this article aims to provide an overview of the protagonists and key facts of each stage from the 19th century to the present day. The appointment of Juliano Moreira, in 1903, to the direction of the Alienados National Hospital (Rio de Janeiro/RJ) is the initial milestone of Brazilian scientific psychiatry. The background is the Positivist view of the world and human being, with the expectation that science would supersede all religious and metaphysical beliefs. The vigor of Modernity had to weaken for another understanding to emerge. In the last decades of the 20th century, psychiatrists receptive to the theme of beliefs were able to open spaces in professional associations to discuss spirituality and not until the 1990s did national research in psychiatry begin to include spirituality. Since then, the body of evidence has grown rapidly but consistently. Worldwide - and in less than three decades - Brazil is already among the five countries with the highest number of publications on spirituality/religiosity and mental health, with the potential to remain in a prominent position, as it has a highly religious population, while emerges a new generation of researchers engaged in the theme.

Keywords: spirituality/religiosity, brazilian psychiatry, relations, historical

Submetido: 28/05/2019
Aceito: 01/10/2019

INTRODUÇÃO

As relações entre espiritualidade/religiosidade e o campo psiquiátrico no Brasil segue o que acontece nos países considerados culturalmente centrais do Ocidente, com algumas particularidades. A Psiquiatria científica tem como marco o ato libertário de Philippe Pinel, datado de 1792, sob clara influência do Iluminismo. Pretendia-se estender as luzes da razão humana sobre o campo da insanidade mental. O entendimento religioso deveria ser suplantado, até mesmo desconsiderando intervenções anteriores notáveis (1).

Chegando ao Brasil, todo conhecimento ganhou a roupagem do Positivismo que marca a nossa formação cultural. Acreditou-se que as ciências eliminariam entendimentos místicos, metafísicos e religiosos. As vertentes humanistas e cristãs restaram aqui menos conhecidas. Foi preciso que o vigor da Modernidade esmaecesse para que outro entendimento aflorasse, como veremos.

PRIMÓRDIOS

Costuma-se datar o surgimento da Psiquiatria científica no Brasil em 1903. Isso coincide com a nomeação de Juliano Moreira (1873-1933) para a direção do Hospital Nacional dos Alienados, antigo Hospício Pedro II, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1852 (2,3,4). A busca de similaridade com o ocorrido na França fica logo evidente: lá foi quando Pinel assumiu a direção do Hospital de Salpêtrière. Aqui entre nós, segundo entendem os céticos, a obscuridade teria dominado até o início do século XX, sobretudo pela ingerência da Igreja Católica Romana.

Tal visão desconhece a importância que as instituições religiosas tiveram durante os períodos colonial e imperial. De fato, foram as Santa Casas de Misericórdia que abrigaram, mesmo que em seus porões, os enfermos mentais, a começar pela de Santos, inaugurada ainda em 1543 (5). Registro formal dessa prática já se encontrou, datado de 1817, nos anais da Santa Casa de São João Del Rey (6,7). Quando se instalou o hospício do Rio de Janeiro, a única opção que se apresentou ao Imperador foi entregá-lo aos cuidados da Ordem da Misericórdia. Se hoje encontramos motivos para criticar práticas segregacionistas ocorridas, deve-se lembrar que a sociedade de então não oferecia qualquer exemplo e oportunidades para práticas diferentes (8).

Outro exemplo marcante da atuação religiosa junto aos enfermos mentais nos é dado pela Ordem Hospitaleira de São João de Deus, de longa atuação na Europa desde o século XVI. Entretanto, ela chegou ao Brasil somente em 1947, contando hoje com quatro instituições que aliam o trabalho técnico de profissionais leigos às marcas tradicionais da "caridade cristã".

Os cristãos ditos "protestantes", oriundos da Reforma Religiosa do século XVI, fixaram-se no Brasil somente no período imperial. Como lhes é característico, logo cuidaram de que, além das igrejas, fossem oferecidas ao povo instituições de ensino e de assistência (9). Projetos de maior porte demandaram união entre diferentes denominações, especialmente luteranos,

congregacionais, presbiterianos, batistas e metodistas. Foi assim que surgiu o Hospital Evangélico do Rio de Janeiro, inaugurado em 1887, pioneiro entre vários que se espalharam pelo país. No campo específico da Psiquiatria, cabe destacar o Hospital Evangélico de Anápolis, Goiás, pioneiro em receber enfermos mentais em enfermarias gerais, sem qualquer discriminação, chegando a dispor de até 30 leitos para tal fim. Isso se deu ainda na década de 60 do século passado, tendo à frente o psiquiatra Eldo Elias de Lima (1951- 2017). No sul do Brasil, registra-se ainda o esforço dos Menonitas em prestar serviços de saúde mental, a partir dos anos 30 do século passado.

Merece atenção a dedicação dos espíritas brasileiros na assistência aos portadores de transtornos mentais. De fato, a doutrina kardecista encontrou aqui solo fértil, seja entre a população mais culta, por sua proximidade ao Positivismo aqui reinante; seja entre a população geral, pelo sincretismo com o catolicismo popular e as crenças de origem africana e indígena. Desde sua chegada ao Brasil, ela relacionou-se ao Mesmerismo, prática terapêutica controversa que alguns consideram como precursora da moderna psicoterapia (10). Além disso, desde as primeiras décadas que se constroem hospitais psiquiátricos espíritas em diferentes cidades e regiões do país (11). Interessante que essas instituições tenham subsistido ao movimento antimanicomial, de forte influência nas últimas décadas; e se apresentam como opções de qualidade agora que a sociedade volta a demandar por tais serviços.

INFLUÊNCIAS EXTERNAS

Os pioneiros da nossa Psiquiatria tiveram sua formação influenciada pelas correntes de pensamento dominantes no Antigo Continente. Vários deles passaram por treinamentos na França e Alemanha, de onde voltaram dominados pelo mito do progresso e desenvolvimento humano, verdadeiro ídolo fomentado pelo Iluminismo, cristalizando-se especialmente no Positivismo francamente disseminado pelo Brasil. Mesmo quando atraídos pela Fenomenologia de Husserl, e especialmente de Karl Jasper, só a empregavam para a coleta e descrição dos sintomas. A pretendida "ciência do espírito" aqui se rendia também à objetividade científica.

Não é de estranhar que nos meios psiquiátricos brasileiros tenham predominado posições marcadamente antiespiritualistas e, especialmente, antirreligiosas. As manifestações religiosas só eram abordadas sob perspectivas antropológica e sociológica, como expressões de crenças populares e tradições culturais; e, no geral, com uma visão patologizante. Esse é o caso das publicações pioneiras de Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), que destacavam as influências africanas na cultura brasileira.

Mais à frente, Álvaro Rubim de Pinho (1922-1994) seguiu na direção acima, imergindo no amálgama religioso próprio da Bahia, sem o viés depreciativo anterior. Tudo convergiu para que no Congresso Brasileiro de Psiquiatria realizado em Florianópolis, em 1998, fosse criada a Associação Brasileira de Etnopsiquiatria, ou de Psiquiatria Cultural, a exemplo de Sessão já existente na Associação Mundial de Psiquiatria (WPA). À sua frente está,

desde então, o psiquiatra Marcos de Noronha Ribeiro, professor da Universidade Federal de Santa Catarina (12).

Certo está que sempre houve psiquiatras de destaque fiéis em suas crenças e práticas religiosas. Na tradição católica, podemos citar José Leme Lopes (1904-1990), catedrático de Psiquiatria da UFRJ, e Galdino Loreto, professor de Psiquiatria em Recife. Entre os protestantes, servem de exemplo Odon Ramos Maranhão (1924-1995), professor da USP, e José Maria Nascimento Pereira, também professor universitário em Fortaleza. Entretanto, não se verificavam movimentos explícitos para introduzir temas da religiosidade no âmbito das discussões profissionais.

DÉCADAS RECENTES

IIinicativa organizada se deu em 1976, quando jovens psiquiatras se reuniram no que foi denominado Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC). A motivação foi criar um espaço de diálogo entre os saberes psi e o rico acervo cultural e religioso da fé cristã, promovendo estudos enriquecedores em ambas as direções. O entendimento é que há intersecções inevitáveis entre elas, doadoras de “insights” valiosos, sobretudo na construção de uma antropologia relevante para a clínica, eticamente consistente e socialmente desejável. Tal grupo tem estimulado inúmeras ações, constituindo um fórum ímpar de interação entre profissionais do campo psi, oriundos das diferentes denominações evangélicas e também católicos romanos. Nomes nacionais e internacionais têm participado de seus eventos, incluindo o Dr. Viktor E. Frankl (Áustria), Frank Lake (Inglaterra), Carlos J. Hernández e Ricardo Zandrino (Argentina) (13).

Podemos apontar o Congresso Brasileiro de Psiquiatria de 1994, realizado na Pousada do Rio Quente, Goiás, como marco sinalizador de uma nova etapa na consideração da espiritualidade/religiosidade entre os psiquiatras brasileiros. Ali, pela primeira vez, após árduo debate sustentado junto à Comissão Científica, foi incluída na programação uma mesa sobre Religião e Psiquiatria. Naquela ocasião, ali se apresentaram Adalberto Barreto (CE), Francisco Lotufo Neto (SP), Isaías Paim (MS) e Sebastião de Melo (SP), sob a coordenação de Uriel Heckert. Daí em diante, tendo em vista a ampla aceitação da iniciativa, todos os congressos da Associação Brasileira de Psiquiatria incluíram o tema em palestras, cursos e mesas.

NÚCLEOS DE PESQUISA

Francisco Lotufo Neto, psiquiatra e professor de Psiquiatria da USP defendeu em 1997 sua tese de Livre Docência. Tratou-se de um alentado trabalho com mais de 700 páginas, no qual fez ampla revisão da literatura sobre a relação da espiritualidade/religiosidade com a saúde mental. Em artigo resultante dessa tese, Lotufo observou que ministros religiosos cristãos não católicos – residentes em São Paulo – tem uma prevalência aumentada de transtornos afetivos e ansiosos e

menor de abuso e dependência de álcool e drogas. Destacou também que a religiosidade intrínseca (aquela onde a crença atribui significado à vida) parece ser benéfica à saúde mental (14). Lotufo seguiu publicando artigos esclarecedores sobre o tema em números sucessivos da Revista de Psiquiatria Clínica, alguns em parceria com Jorge Wohwey Ferreira Amaro, também professor do Departamento de Psiquiatria da USP. Com isso foram criadas as condições favoráveis para a criação do Núcleo de Estudos de Problemas Espirituais e Religiosos (NEPER) junto ao Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas/Departamento de Psiquiatria da USP, que ganhou crescente reconhecimento e credibilidade.

Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) o psiquiatra e professor Paulo Dalgalarrodo coordena a linha de pesquisa em Saúde Mental, Sociedade e Cultura, cujo foco são estudos antropológicos em saúde mental e religião. O interesse de Dalgalarrodo no tema começou na sua dissertação de mestrado, quando estudou variáveis sociodemográficas e clínicas que se relacionavam à duração das internações psiquiátricas. A afiliação religiosa era uma dessas variáveis: os pentecostais apresentaram menor tempo de duração de internação em comparação aos católicos. Ao mesmo tempo os pentecostais foram mais frequentemente diagnosticados com psicose funcional (15). Esse paradoxo aguçou sua curiosidade sobre as crenças e na sequência desenvolveu várias questões de pesquisa, como a diferenciação entre manifestações socioculturais religiosas e sintomas psicopatológicos com conteúdo religioso (16), aspecto aprofundado no livro intitulado Religião, Psicopatologia e Saúde Mental (17).

Também na UNICAMP o psiquiatra e professor Joel Giglio fomentou estudos envolvendo a espiritualidade, onde destaca-se sua orientação de mestrado e doutorado de Ana Catarina de Araújo Elias. Em seu trabalho Elias realizou intervenção em pacientes terminais com a aplicação de técnicas de imagens mentais e relaxamento visando a ressignificação da dor espiritual. O projeto incluiu também treinamento de profissionais de saúde para a utilização das técnicas (18,19) e resultou em diversas publicações (20).

Francisco Lotufo Neto, Paulo Dalgalarrodo e Joel Giglio destacam-se como pioneiros na produção de artigos científicos sobre espiritualidade e saúde mental. Eles também foram orientadores de uma segunda geração de pesquisadores que investigam a espiritualidade com rigor científico. Tudo isso ainda é recente mas já produz resultados significativos na produção científica: o Brasil é o 5º país em volume de publicações sobre espiritualidade (21), enquanto - que no comparativo com temas gerais de psiquiatria - a colocação é a 13ª (22).

A repercussão internacional da pesquisa brasileira sobre espiritualidade tem relação com a já segunda geração de pesquisadores do tema, especialmente com a liderança do jovem psiquiatra Alexander Moreira-Almeida. Ele formou-se especialista e doutor na Universidade de São Paulo, tendo sempre como orientador o Prof. Lotufo Neto. Posteriormente seguiu para o pós doutorado na Universidade de Duke (USA), sob a orientação do reconhecido pesquisador Dr. Harold G. Koenig. Alexander é hoje professor da Universidade Federal de Juiz de

Fora (MG), onde dirige o Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde (NUPES), que já alcançou profícua produção acadêmica através de vários artigos científicos e orientações de mestrado e doutorado (23). Além disso, foi ele o responsável pela proposição da Comissão de Estudos em Espiritualidade e Saúde Mental da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e hoje é o coordenador das instâncias equivalentes tanto na APAL como na WPA. São destaques para a Psiquiatria brasileira.

Experiências relevantes advieram também a partir do impacto global do grupo de pesquisa em qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS) - World Health Organization Quality of Life (24). Trata-se de um projeto multicêntrico para pesquisa e construção de instrumentos de avaliação de qualidade de vida. Entrevistas com grupos focais de pacientes e pessoas saudáveis em todos os continentes incluíram a espiritualidade e religiosidade como dimensão de qualidade de vida, juntamente com aspectos físico, psicológico, nível de independência, social e ambiente. O constructo de qualidade de vida da OMS é transcultural e teve a espiritualidade incluída de modo curioso, a partir da escuta de pacientes e pessoas hígdas de suas comunidades. Esse fato se contrapõe à usual tendência acadêmica de construir instrumentos de pesquisa a partir da opinião de experts. Em um segundo momento o grupo WHOQOL desenvolveu um módulo mais abrangente para avaliar espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais, o WHOQOL-SRPB (World Health Organization Quality of Life - Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs module), onde parte do banco de dados global da OMS é constituída de amostra brasileira (25). O Brasil participa como um dos centros colaboradores da OMS através do psiquiatra e professor Marcelo Fleck, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua linha de pesquisa em qualidade de vida e espiritualidade publica artigos e orienta alunos de mestrado e doutorado. Sua primeira orientação que incluiu espiritualidade foi da psiquiatra e então mestranda Neusa Sica da Rocha. Atualmente, Neusa é professora na UFRGS e também se dedica à pesquisa em saúde mental e espiritualidade, entre outros temas.

CONCLUSÃO

A Era Moderna, oriunda do Renascimento, alavancou-se com o surgimento da Ciência Moderna e a Revolução Industrial, culminando no Iluminismo e seu foco na razão e no progresso (26). Por outro lado, o clima cultural trazido pela pós-modernidade tem contribuído para a ampla expansão do interesse, das pesquisas e das práticas que aproximam espiritualidade/religiosidade e psiquiatria. Os tempos são outros, a cultura reinante favorece, os próprios enfermos e seus familiares demandam um entendimento maior do sofrimento psíquico. Diversos profissionais produzem dados e publicações sobre o impacto das crenças na saúde, isoladamente ou reunidos em núcleos de pesquisa. O preconceito quanto a tal aproximação vai ficando circunscrito, mesmo que robustecido por algumas conclusões preconceituosas e reducionistas oriundas das neurociências.

As instituições são meio importante para que novas perspectivas se concretizarem em ações. Nesse sentido, a Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) mantém já há tempos uma Sessão de Religiosidade, Espiritualidade e Psiquiatria, por iniciativa de profissionais cristãos, especialmente holandeses e britânicos. Em nosso país, Associação Brasileira de Psiquiatria passou a abrigar um grupo de estudos sobre espiritualidade/religiosidade e saúde mental. O número de membros ainda é limitado e composto quase que inteiramente por profissionais de um mesmo credo religioso. Mesmo assim, representa um avanço que estimulou a criação de instância semelhante na Associação Psiquiátrica da América Latina (APAL), por iniciativa do seu atual presidente, o psiquiatra brasileiro Antônio Geraldo da Silva.

Fato alvissareiro é que o movimento verificado na psiquiatria brasileira nas duas últimas décadas abriu espaço para que espiritualidade/religiosidade figure como tema de estudo e pesquisa. O Brasil é um país com forte presença religiosa na sua população e uma melhor compreensão desse aspecto pode auxiliar na assistência aos portadores de sofrimento psíquico e até na promoção de intervenções preventivas em saúde mental.

REFERÊNCIAS

1. Van Walsum K L. Nos maledes: three examples of christian influences in care for the insane in pre-revolutionary France and Belgium. *The Journal of Psychology and Christianity*, 23 (3), 2004, 219-233.
2. Oda AMGR, Dalgalarrondo P. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 2000; 22(4), 178-9.
3. Carvalhal LA. Loucura e Sociedade: o pensamento de Juliano Moreira (1903-1930) [monografia de bacharelado em História]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1997.
4. Passos A. Juliano Moreira (vida e obra). Rio de Janeiro: Livraria São José; 1975.
5. Gabriel Figueiredo As origens da assistência psiquiátrica no Brasil: o papel das Santas Casas. *Rev. Bras. Psiquiatr.* vol.22 n.3 São Paulo Sept. 2000.
6. Coelho RS. Primeira unidade psiquiátrica em hospital-geral no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, p. 4-9, 1973.
7. Gonçalves AM, Goulart MSB. História das Santas Casas na Assistência à Saúde Mental mineira no século XIX. *Tempos Gerais - Revista de Ciências Sociais e História - UFSJ*, Número #2 - 2015, pp. 04-26.
8. Piccinini WJ. História da Psiquiatria. *Psychiatry On-line*

Brazil, 2004: 9 (2).

9. Ribeiro B. Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

10. Câmara FP. Pré-história da psicoterapia brasileira: a chegada do magnetismo animal no Brasil, 1823-1887. *Debates em Psiquiatria*, 3(3), 2013, 34-38.

11. <https://espiritismonomundo.wordpress.com/hospitais-psiquiatricos-espiritas-no-mundo/> Consulta em 21.08.2019.

12. Noronha M. *Terapia social*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007, 200p.

13. www.cppc.org.br/ Consulta em 03.09.2019.

14. Lotufo Neto, F. *Psiquiatria e Religião: a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 23/24, n.4/1-3, p. 32-33, 1996.

15. Dalgalarondo P, Gattaz WF. A psychiatric unit in a general hospital in Brazil: predictors of length of stay. *Social psychiatry and psychiatric epidemiology*, v. 27, n. 3, 1992. p. 147-150.

16. Dantas CR, Pavarin LB, Dalgalarondo P. Sintomas de conteúdo religioso em pacientes psiquiátricos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 21, n. 3, 1999.

17. Dalgalarondo P. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

18. Elias ACA. (2003). Re-significação da dor simbólica da morte: relaxamento mental, imagens mentais e espiritualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 1, p. 92-97.

19. Elias ACA, Giglio JS, Pimenta CAM, El-Dash LG. (2007). Programa de treinamento sobre a intervenção terapêutica "relaxamento, imagens mentais e espiritualidade" (RIME) para re-significar a dor espiritual de pacientes terminais, *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 34, n. 1, p. 60-72

20. Dias ALM, Silva TO. (2015) Saúde mental, Religião e espiritualidade na trajetória acadêmica de três psiquiatras brasileiros (1968-1999). *Revista Maracanan* n.13, Dezembro 2015, p. 34-49.

21. Lucchetti G, Lucchetti AL. (2014). Spirituality, religion, and health: over the last 15 years of field research (1999-2013). *Int J Psychiatry Med* ;48(3):199-215. doi: 10.2190/PM.48.3.e. Review. PMID: 25492714

22. Moreira-Almeida A, Oliveira E Oliveira FHA. (2017). A brief panorama of Brazil's contributions to psychiatry. *Int Rev Psychiatry*. Jun;29(3):206-207. doi: 10.1080/09540261.2017.1285537. PMID:28587548

23. Moreira-Almeida A. (2019). Currículo Lattes. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4795639P9>>. Acesso em 14/09/2019.

24. WHOQOL Group. (1994). The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL). In: Orley, J. & Kuyken, W. (Eds.) *Quality of life assessment: international perspectives*. Springer Verlag, Heidelberg, pp.41-60.

25. WHOQOL SRPB Group. (2005). A cross-cultural study of spirituality, religion, and personal beliefs as components of quality of life. *Social Science and Medicine* 62(6):1486-1497.

26. . Goudzwaard B. *Capitalismo e Progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental*. Viçosa, MG: Ed. Ultimato, 2019.